

O IRÃ COMO PIVÔ DA ORDEM MULTIPOLAR

O Irã consolidou-se como um ator central da ordem multipolar emergente, desempenhando um papel decisivo na disputa por rotas logísticas, fluxos energéticos e influência regional; embora seja alvo de estratégias de contenção, sua resiliência estrutural e sua posição geoeconômica o tornam simultaneamente um pivô geoestratégico indispensável e um desafio assimétrico às arquiteturas de poder ocidentais.

Marco Antonio de Freitas Coutinho*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

1. INTRODUÇÃO

A transição para uma ordem internacional multipolar tem o potencial de elevar o Irã ao nível de um dos principais polos de poder da Eurásia. Sua localização estratégica, capacidade de dissuasão e integração crescente com a Índia, China e Rússia o transformam em ator indispensável para a estabilidade regional e para a disputa por rotas logísticas globais. Documentos recentes sobre corredores estratégicos, como o International North-South Transport Corridor (INSTC), o Middle Corridor e o India-Middle East-Europe Economic Corridor (IMEC), demonstram que o Irã ocupa uma posição central na competição entre grandes potências (Shrivastava e Kumar, 2025; *Insight Turkey*, 2024).

Entretanto, os interesses dos Estados Unidos e de Israel buscam limitar a projeção iraniana por meio de sanções, isolamento diplomático e apoio a rotas alternativas que contornem o território iraniano, como o IMEC e o Corredor de Zangezur (*Jamestown Foundation, 2024; Security and Defence Quarterly, 2023*). Israel, principal aliado dos EUA no Oriente Médio, desempenha papel determinante nesse processo, pois enxerga o Irã como sua principal ameaça existencial.



O Irã ocupa posição central na Eurásia, conectando Índia, China e Rússia em meio à disputa por corredores logísticos globais.

Este artigo buscar responder à seguinte problematização: Como o Irã se posiciona como pivô da ordem multipolar e quais são os cenários possíveis para sua relação com Estados Unidos e Israel no pós-guerra?

A literatura recente sobre multipolaridade e corredores estratégicos ainda carece de análises integradas que considerem simultaneamente o papel do Irã, a competição sino-russa e a influência israelense. Este artigo contribui preenchendo essa lacuna.

2. O IRÃ COMO ESTADO CIVILIZACIONAL E SUA GEOGRAFIA ESTRATÉGICA

O Irã pode ser caracterizado como um Estado civilizacional, conceito presente em autores como Huntington e Buzan, que descreve unidades políticas cuja identidade histórica ultrapassa fronteiras modernas. Essa continuidade civilizacional molda a coesão interna iraniana e fortalece sua capacidade de resistir a pressões externas (*Irã no Xadrez*

Multipolar, 2024). A autoestima civilizacional persa funciona como elemento de legitimação do regime e como barreira contra intervenções estrangeiras.

ESTADO CIVILIZACIONAL E GEOGRAFIA ESTRATÉGICA
A Força Histórica e Territorial do Irã

- IDENTIDADE HISTÓRICA** — A continuidade civilizacional molda a coesão interna e resiste a pressões externas
- ENCRUZILHADA EURSÁTICA** — Conecta Golfo Pérsico, Cáucaso, Ásia Central e Índia
- CONTROLE ENERGÉTICO** — O Estreito de Ormuz controla ~20% do petróleo mundial
- PODER DE NEGAÇÃO** — Capacidade de afetar significativamente a economia global

Fonte: O Irã como Pivô da Ordem Multipolar — Marco Antonio de Freitas Coutinho | velhogeneral.com.br

Com milênios de continuidade civilizacional e controle do Estreito de Ormuz – por onde passa ~20% do petróleo mundial –, o Irã detém poder de negação global.

A geografia iraniana reforça essa centralidade. Situado no coração das encruzilhadas eurasiáticas, o Irã conecta o Golfo Pérsico, o Cáucaso, a Ásia Central e o subcontinente indiano. Essa posição permite ao país influenciar fluxos comerciais e energéticos que atravessam a região (*Global Power Corridors*, 2024). O controle do Estreito de Ormuz, por onde transita cerca de 20% do petróleo mundial, confere ao Irã um poder de negação capaz de afetar a economia global.

3. ESTRATÉGIAS ASSIMÉTRICAS IRANIANAS

O Irã desenvolveu uma sofisticada doutrina de defesa avançada, baseada na projeção de poder assimétrico por meio de aliados regionais: Hezbollah, Hamas, Houthis e milícias iraquianas. Essa rede descentralizada permite ao Irã deslocar o campo de batalha para fora de seu território, aumentando o custo de qualquer intervenção militar direta (*Irã no Xadrez Multipolar*, 2024).

Além disso, o programa nuclear iraniano evoluiu de cooperação civil para instrumento de sobrevivência estratégica. A ambiguidade estratégica, particularmente a de possuir capacidade técnica sem declarar armas, aumenta o custo de qualquer tentativa de mudança

de regime. A retirada dos EUA do JCPOA em 2018 reforçou a percepção iraniana de cerco, acelerando o programa nuclear.

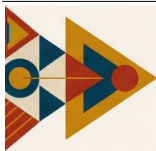


O Irã projeta poder por meio de uma rede descentralizada de aliados regionais e de um programa nuclear de ambiguidade estratégica deliberada.

4. A “GUINADA AO LESTE”: CHINA, RÚSSIA E A INTEGRAÇÃO EURASIÁTICA

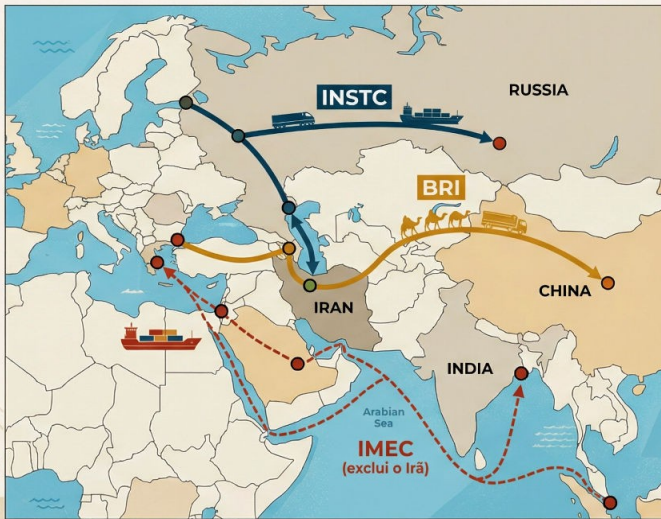
A parceria estratégica com China e Rússia é um dos pilares da política externa iraniana contemporânea. O acordo de 25 anos com Pequim, envolvendo investimentos de 400 bilhões de dólares, fortalece o país economicamente e o integra à Belt and Road Initiative (BRI). O INSTC, por sua vez, consolida a parceria com Moscou, reduzindo a dependência do dólar e criando rotas alternativas ao Canal de Suez (*The Cradle*, 2024).

A disputa por corredores logísticos é central para entender o papel do Irã. O INSTC reduz o tempo Índia–Europa de 40 para 25 dias e opera fora do alcance das sanções ocidentais. O IMEC, apoiado por EUA, UE, Índia e Israel, exclui deliberadamente o Irã para limitar sua influência (Shrivastava e Kumar, 2025). Já o Middle Corridor e o Corredor de Zangezur ameaçam isolar o Irã no Cáucaso (*Jamestown Foundation*, 2024).



A GUINADA AO LESTE

Integração com China, Rússia e a Eurásia



PARCERIA ESTRATÉGICA

Acordo de 25 anos com a China, envolvendo US\$ 400 bilhões em investimentos.



CORREDOR INSTC

Consolida parceria com a Rússia e reduz dependência do dólar.



ROTAS ALTERNATIVAS

Redução do tempo Índia-Europa de 40 para 25 dias, fora das sanções ocidentais.



DISPUTA POR INFLUÊNCIA

Resposta aos corredores apoiados pelo Ocidente (IMEC e Middle Corridor).

Fonte: O Irã como Pivô da Ordem Multipolar — Marco Antonio de Freitas Coutinho | velhogeneral.com.br

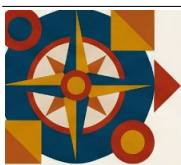
O acordo de 25 anos com a China (US\$ 400 bi) e o corredor INSTC com a Rússia redefinem as rotas logísticas eurasiáticas, contornando as sanções ocidentais.

5. EUA E ISRAEL: ESTRATÉGIAS DE CONTENÇÃO E REORIENTAÇÃO

Os Estados Unidos buscam limitar a influência iraniana por meio de sanções, isolamento diplomático e apoio a rotas alternativas que contornem o território iraniano. O objetivo é proteger Israel, garantir o fluxo energético, conter China e Rússia e enfraquecer o Eixo de Resistência (*Al Jazeera*, 2026).

Israel desempenha papel central na formulação da política norte-americana para o Irã. Para Tel Aviv, o programa nuclear iraniano representa uma ameaça existencial, e o Eixo de Resistência constitui o principal vetor de pressão militar indireta. Além disso, Israel possui interesses econômicos diretos no IMEC, que o transforma em *hub* logístico entre o Mediterrâneo e o Golfo.

Israel pressiona Washington a adotar posições rígidas e condiciona qualquer tentativa de reaproximação entre EUA e Irã a garantias robustas de segurança.



ESTRATÉGIAS DE CONTENÇÃO: EUA E ISRAEL

A Busca por Reorientação no Oriente Médio



OBJETIVOS DOS EUA

Limitar influência iraniana, proteger Israel, garantir fluxo energético e conter o Eixo de Resistência



PAPEL DE ISRAEL

Vê o programa nuclear iraniano como ameaça existencial e influencia a política norte-americana



PRESSÃO MILITAR INDIRETA

O Eixo de Resistência é o principal desafio militar para Tel Aviv



INTERESSES ECONÔMICOS

Israel busca consolidar-se como hub logístico no corredor IMEC (Mediterrâneo-Golfo)

Fonte: O Irã como Pivô da Ordem Multipolar — Marco Antonio de Freitas Coutinho | velhogeneral.com.br

EUA e Israel buscam isolar o Irã por sanções e pelo corredor IMEC, enquanto Tel Aviv pressiona Washington a manter postura rígida diante do programa nuclear iraniano.

6. POR QUE UMA MUDANÇA DE REGIME NO IRÃ É EXTREMAMENTE DIFÍCIL

A mudança de regime no Irã enfrenta obstáculos estruturais profundos. O país é um Estado civilizacional, cuja identidade histórica reforça a coesão interna e legitima o regime diante de ameaças externas. Intervenções estrangeiras tendem a gerar unidade nacional, não fragmentação.

O programa nuclear funciona como seguro de vida do regime, ao mesmo tempo em que atrai retaliações da coalizão EUA-Israel. A capacidade de enriquecer urânio, mesmo sem declarar armas, tem o potencial de elevar drasticamente o custo de qualquer intervenção militar. Não pode ser descartado o fato de que a guerra atual, se terminar sem a destruição completa do programa nuclear iraniano, poderia precipitar uma corrida final para a bomba.

Mas o Irã procurou desenvolver principalmente sua capacidade de retaliação indireta por meio do Eixo de Resistência e de seu programa de mísseis e drones, que pode atingir Israel, fechar o Mar Vermelho ou atacar bases americanas. Além disso, China e Rússia têm interesse direto na estabilidade do regime iraniano, pois sua queda representaria um avanço estratégico dos EUA no coração da Eurásia.

Por fim, a estrutura institucional iraniana, com múltiplos centros de poder, cria redundâncias que dificultam rupturas abruptas.

OS DESAFIOS PARA UMA MUDANÇA DE REGIME

Resiliência Institucional e Civilizacional do Irã

- COESÃO NACIONAL**
Ameaças externas tendem a gerar unidade nacional, fortalecida pela identidade civilizacional
- SEGURO DE VIDA**
O programa nuclear e a capacidade de enriquecimento elevam o custo de intervenções
- RETALIAÇÃO INDIRETA**
Capacidade de resposta via Eixo de Resistência e arsenal de mísseis e drones
- APOIO EXTERNO**
China e Rússia têm interesse direto na estabilidade do regime para evitar avanços dos EUA na Eurásia

Fonte: O Irã como Pivô da Ordem Multipolar — Marco Antonio de Freitas Coutinho | velhogeneral.com.br

Identidade civilizacional, programa nuclear, Eixo de Resistência e apoio de China e Rússia formam barreiras estruturais que tornam a mudança de regime extremamente improvável.

7. CENÁRIOS PROVÁVEIS NO PÓS-GUERRA

A análise dos documentos permite identificar três cenários principais:

Cenário 1 – O regime sobrevive e sai fortalecido (altamente provável): O Irã utiliza Ormuz, mobiliza o Eixo de Resistência e aprofunda alianças com China e Rússia. A guerra reforça a narrativa de resistência e legitima o regime.

Cenário 2 – O regime cai, mas o novo governo não é pró-EUA (moderadamente provável): Mesmo com colapso político, a identidade persa e o anti-intervencionismo tornam improvável um governo alinhado ao Ocidente. Surgiriam governos nacionalistas ou militares.

Cenário 3 – Mudança de regime pró-ocidental (pouco provável): Exigiria colapso interno profundo, neutralização do Eixo de Resistência e ausência de apoio chinês e russo. A transição seria instável, com risco de guerra civil.



A análise aponta três cenários: regime fortalecido (altamente provável), novo governo nacionalista (moderadamente provável) e transição pró-occidental (pouco provável).

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Irã permanece como um dos atores mais estratégicos da ordem multipolar em formação. Sua geografia, sua capacidade de dissuasão, sua rede de aliados regionais e sua articulação com China e Rússia garantem ao país uma posição central na disputa global por rotas, energia e influência. Israel continua exercendo influência decisiva sobre a formulação da política norte-americana para o Oriente Médio, condicionando qualquer tentativa de reaproximação com Teerã a exigências rígidas de segurança.

A eclosão da Terceira Guerra do Golfo introduziu um ponto de inflexão histórico. O conflito alterou o equilíbrio militar regional e abriu uma fase crítica que poderá definir o futuro geopolítico do Irã. A forma como Teerã atravessar este período, seja consolidando sua posição como potência regional autônoma, seja enfrentando pressões externas e internas destinadas a limitar sua projeção, influenciará diretamente a arquitetura de segurança do Oriente Médio e o desenho da ordem multipolar.

Independentemente do desfecho do atual conflito no Golfo, a posição geopolítica do Irã indica que, no pós-guerra, o país continuará sendo um ator decisivo. Os Estados Unidos podem tentar explorar fragilidades internas para reinserir o país em sua esfera de influência, mas essa estratégia enfrenta obstáculos estruturais profundos. O Irã não representa apenas um desafio para Washington, mas também um potencial ativo

geopolítico. O fato é que seu destino terá impacto direto sobre o equilíbrio de poder na Eurásia e sobre o futuro da ordem global.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SHAMIM, Sarah. *India-Israel axis: What are the IMEC corridor & I2U2 grouping Modi spoke of?* Al Jazeera, 26 de fevereiro de 2026. <https://www.aljazeera.com/news/2026/2/26/india-israel-axis-what-are-the-imec-corridor-i2u2-grouping-modi-spoke-of>.

AFSAL K H, Mohammed. *India's Answer to China's Changing Belt and Road*. India Way, 11 de abril de 2025. <https://www.foreignpolicyindia.in/2025/04/india-china-belt-road-intiative.html>.

HUSSAIN, Ejaz. *The Belt and Road Initiative and the Middle Corridor: Complementarity or Competition?* Insight Turkey, 21 de setembro de 2021. <https://www.insightturkey.com/articles/the-belt-and-road-initiative-and-the-middle-corridor-complementarity-or-competition>.

HUSEYNOV, Vasif. *Construction of Zangezur Corridor Underway Despite Some Remaining Disagreements*. Jamestown Foundation, 28 de janeiro de 2022. <https://jamestown.org/construction-of-zangezur-corridor-underway-despite-some-remaining-disagreements>.

SHRIVASTAVA, Arpan; KUMAR, Amit. *Bridging Continents: The India-Middle East-Europe Economic Corridor (IMEC) and the Future of Global Trade*. UNNAYAN, v. 17, p. 195-210, 2025. https://www.researchgate.net/publication/388190407_Bridging_Continents_The_India-Middle_East-Europe_Economic_Corridor_IMEC_and_the_Future_of_Global_Trade.

GAWLICZEK, Piotr; ISKANDAROV, Khayal. *The Zangezur corridor as part of the global transport route*. Security and Defence Quarterly, 2023. <https://securityanddefence.pl/The-Zangezur-corridor-as-part-of-the-global-transport-route-against-the-backdrop,161993,0,2.html>.

**Marco Antonio de Freitas Coutinho é coronel da reserva do Exército Brasileiro, bacharel em Ciências Militares pela AMAN, mestre em Operações Militares pela EsAO e em Ciências Militares pela ECEME. Coutinho é pós-graduado em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília e Mestre em Ciência Política Internacional pela Fundação Universitária Iberoamericana (Espanha). É coautor do livro “Guerra Russo-Ucraniana: O Conflito que Redesenhou a Geopolítica Mundial”. Pode ser contatado pelo e-mail: marc Coutinho@hotmail.com. Acompanhe seu trabalho pelo Substack: <https://substack.com/@marc Coutinho>.*
